



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 2 DE DEZEMBRO DE 1996

Fico contente em revê-los, mais ainda porque, realmente, acredito que, graças ao trabalho intenso do Governador Britto, ajudado por todo o pessoal do Rio Grande do Sul, pelos empresários, pela área política, e à compreensão que a General Motors tem tido do papel dinamizador dos investimentos no Brasil, nós já vamo, aqui, nos preparando para um salto grande nessa matéria de espraiar os frutos do progresso tecnológico e do desenvolvimento industrial.

Eu queria aproveitar esta oportunidade para lhes dizer que o Ministro Dornelles acaba de me reportar algumas informações, que lhe pediria que repetisse aqui, porque acho que vivemos um momento particularmente importante da vida nacional, e devemos vivê-lo afirmativamente. Fico, às vezes, um pouco até não digo aborrecido, mas entristecido, quando vejo que brasileiros não percebem o que está acontecendo neste país.

Eu, por razão da minha função, sou obrigado a viajar bastante. Lá fora, você, muitas vezes, tem uma perspectiva mais clara do que está acontecendo aqui do que a de quem está aqui mesmo. Quer dizer, o que está acontecendo, em matéria de salto qualitativo, na vida brasi-

leira, é uma coisa marcante. Acho que é importante que as lideranças brasileiras vivam este momento com a plenitude da consciência histórica. Acho que não se trata hoje, simplesmente, de produzir mais. Trata-se de produzir melhor e produzir qualitativamente, de outro modo, fazendo uma reorganização do espaço produtivo brasileiro.

Muitas vezes – eu até entendo bem – as pessoas, em certas áreas, sofrem as consequências dessa reorganização. Mas não se pode perder a visão da floresta e ficar só na árvore. O que está acontecendo é que há, realmente, uma reorganização do espaço brasileiro e, momentaneamente, alguns setores se sentem prejudicados, alguns setores do País também se sentem prejudicados. Mas, quando se olha o conjunto, vê-se que a dinâmica é muito positiva e produz uma sinergia, quer dizer, um leva a que o outro avance também, não é?

Tenho a obrigação, como Presidente da República, de olhar para o Brasil no seu conjunto. Por características até da minha formação, nunca tive uma visão sectária partidariamente, nem regionalista, porque o desafio do Brasil não é esse. Então, tenho a preocupação constante de ver como é que nós estamos realmente conseguindo ou não, e até que ponto, e de fazer com que haja uma integração deste país.

E digo a vocês, com muita tranquilidade: este anúncio que a General Motors vai fazer, daqui a pouco, aqui, é alguma coisa muito significativa para mim, porque acho que o Rio Grande precisava desse sinal. Precisava de um sinal afirmativo para corresponder ao imenso esforço que o Rio Grande está fazendo de se modernizar, de se reintegrar ao conjunto do que está ocorrendo no Brasil, não é?

Quero realmente não monopolizar as palavras, mas quero deixar aqui registrado que, desde que assumi a Presidência da República, o Governador Britto tem sido incansável na luta pela defesa do Rio Grande e também na compreensão das dificuldades do Governo central. Ele percebe que, quando não se faz, é porque não se pode, não é que não se queira fazer. Mas, bem ou mal, conseguimos botar um pólo petroquímico no Rio Grande do Sul e resolver a questão, que leva tempo, de materializar a base energética do Rio Grande do Sul. Agora, é um fato marcante uma montadora no Rio Grande do Sul.

Estamos atentos à questão do porto do Rio Grande, à questão das estradas para o Rio Grande, à dívida do Rio Grande, porque nós resolvemos a questão da dívida do Rio Grande.

Quer dizer, nós estamos enfrentando os grandes problemas do Rio Grande do Sul, não é? Vou ter a satisfação de poder repetir isso para quase todos os Estados do Brasil. Para quase todos os Estados do Brasil porque nós temos feito, realmente, muito empenho. Não sei até que ponto já se tem consciência de que estamos fazendo uma revolução na Amazônia, revolução na Amazônia em termos de energia elétrica, em termos de gás, em termos de portos. Já a safra do próximo ano de Rondônia e de parte de Mato Grosso – está lá o Ministro Odacir Klein, que ajudou muito nisso – vai escoar por via fluvial, pelo rio Madeira, pelo rio Amazonas, usando o terminal graneleiro lá em Itacoatiara. Os navios de alto calado irão até Itacoatiara.

Tudo isso é um trabalho silencioso, mas de reestruturação, que tem impacto de longo prazo. Na questão da energia em geral, nós fechamos acordos de 3 bilhões de dólares para a construção de usinas energéticas pelo setor privado. Não me refiro a Furnas, à Chesf – que continuamos a fazer e temos que fazer –, a Itaipu. Não. Eu me refiro a outras, inclusive a algumas que vão beneficiar o Rio Grande do Sul. E isso enfrentando-se uma grande incompreensão: é o Tribunal de Contas que manda parar, é Adin em cima do Tribunal, porque as pessoas têm visão curta do Brasil e vão para os tribunais impedir que o processo avance. A verdade é essa. Com toda essa dificuldade, estamos fazendo, estamos fazendo. E isso vai mudar o Brasil, não tenho dúvida.

O gás da Bolívia, são 30 anos para poder... Agora o oleoduto está em fase de construção. E, para chegar ao Rio Grande do Sul, é muita saliva, porque São Paulo queria pará-lo em São Paulo. Chega ao Paraná, querem parar no Paraná. Chega a Minas, querem parar em Minas. Cada um quer pensar assim. É natural que pensem assim. Mas, também, é obrigação nossa negociar de tal maneira que se tenha uma visão integrativa brasileira e, mais do que brasileira, do Mercosul. A preocupação que tínhamos era qual seria o efeito do Mercosul sobre certas áreas. Estamos vendo, agora, o que vai aconte-

cer: vai haver progresso, como aconteceu na Europa também. Vai haver progresso, e vamos ter que expandir esse Mercosul. Estamos integrando a América do Sul e vamos expandir na direção hemisférica também, mas temos que fazer isso com uma visão construtiva, sabendo o momento e como fazê-lo.

De modo que eu queria transmitir o meu entusiasmo, que é real, entusiasmo pelo que está acontecendo no Brasil e, em especial, agora, por esse fato aqui, no Rio Grande do Sul.

Antes mesmo de pedir que os nossos amigos da General Motors dêem um recado direto, pediria ao Ministro Dornelles que repetisse um pouco, aqui, dos dados que me transmitiu, porque vale a pena contagiar pelo entusiasmo.

[Segue-se intervenção do Ministro Francisco Dorneles]

Eu queria acrescentar que o que disse o Ministro Dornelles mostra o grau de investimento e, portanto, de crescimento econômico. Ilusória a idéia de que haveria recessão no Brasil; é completamente ridícula. É o oposto, não é?

Nós estamos apenas controlando o ritmo desse crescimento, para que ele não tenha efeitos que perturbem o controle da moeda, de tal maneira que possamos continuar dando melhor condição de vida à população, porque isso é o fundamental para o bem-estar da população. A estabilização da moeda, a luta contra a inflação, nós controlamos, mas, de toda a maneira, a força do investimento é muito grande.

E, aos críticos apressados, que olhem para a balança comercial. Daqui a pouco, os nossos companheiros da General Motors vão dizer qual é o compromisso de exportação. É que, primeiro, se investe. Quando se está investindo, tem que trazer máquinas, tem que importar, mas, daqui a pouco, se vai exportar. Então, isso se reverte e vai reverter, também, a balança comercial.

Essas análises feitas assim... Outro dia, fiz uma comparação um pouco superficial. Disse: "Olha, não se pode governar o Brasil como se fosse um *hovercraft*. *Hovercraft* é aquele barco que atravessa o canal

da Mancha. Eu não sei se alguns de vocês já o tomaram. Quando tem tempestade, é horrível, porque a onda sobe, a onda cai, a onda sobe, a onda cai.

Não dá para governar no dia-a-dia – “Esse dia, o câmbio fechou a quanto? E de importação, de exportação, essa semana?” – e ficar criando essa tensão, como se governar o Brasil fosse andar de *hovercraft*. Não. Nós temos que ter visão de longo prazo, visão de Estado, não uma visão mesquinha, de piciunha.

De repente, alguém faz uma interpretação apressada, e todo mundo já fica nervoso. Ouço os discursos os mais disparatados, que contribuem para uma visão equivocada do Brasil.

Estamos criando as bases para um Brasil sólido, que é isso que está sendo dito aqui: quarto maior consumidor de veículos; portanto, mercado interno crescendo e, portanto, bem-estar, porque senão não se consegue; e quinto maior produtor mundial. Com base em quê? Com base em investimento e em trabalho construtivo.

Parabéns a vocês todos. Muito obrigado. Vamos continuar trabalhando pelo Rio Grande e pelo Brasil. Até a próxima oportunidade.

(Encerra-se o encontro com os representantes da GM e com o Governador do Rio Grande do Sul e tem início o encontro com o Governador de Santa Catarina.)

Eu queria agradecer a presença dos senhores todos aqui, do Senhor Governador, do Senhor Secretário, dos Senhores Parlamentares, dos nossos representantes da General Motors e dos Ministros que aqui estão.

Hoje é um dia de muita alegria para todos nós, especificamente para o Presidente da República e o Governo Federal, pelo fato de que a General Motors, correspondendo à expectativa e à confiança que, no Brasil, se deposita nela, está anunciando investimentos importantes, uma continuidade de investimentos importantes.

Acho que esse fato tem a ver com as transformações a que estamos assistindo no Brasil. Há pouco, quando conversava com o pessoal do

Rio Grande do Sul, eu afirmava, e quero repetir diante dos catarinenses, que estamos vivendo um momento histórico muito significativo no Brasil. Acho que este momento tem que ser devidamente apreciado e compartilhado pelos brasileiros, para que não percamos a oportunidade de sentir o progresso que está havendo neste país graças ao esforço de seu povo.

Não quero abusar do fato de ser Presidente e falar demais, mas todos os senhores sabem que fui Ministro da Fazenda, há três anos. Naquela época, não conseguíamos divisar qualquer horizonte para o Brasil. Era uma dificuldade imensa. Eu tinha saído do Ministério das Relações Exteriores, onde, por dever de ofício, tinha que mostrar lá fora as possibilidades do Brasil, em que ninguém acreditava, porque a inflação perturbava, porque não havia um esquema político de sustentação, porque havia, ainda, no Congresso, uma certa indecisão sobre assuntos fundamentais.

E, em três anos, começando do Governo Itamar Franco para cá, nós, realmente, tomamos as decisões cruciais, no sentido de que havia que controlar a inflação, de que precisava haver um diálogo claro com o País, não dava para continuar num sistema de permanente “empurrar com a barriga”, e as coisas tinham que ser ditas como elas eram.

Existe um desafio, colocado no mundo, hoje, porque houve uma transformação do sistema produtivo mundial, a economia está globalizada. Não adianta achar que devia ser assim ou devia ser assado. Já é. Existe um processo em marcha. Se me permitem citar até um pequeno fato, jantei, sexta-feira, com o ex-Presidente da Espanha, Felipe Gonzalez, que me disse exatamente isso. Ele fez o mesmo debate na Espanha, o mesmo debate que teve aqui.

Alguns não vão entender nunca que a realidade existe e que esta globalização abre uma série de oportunidades. Depende de nós. Se ficarmos como avestruz, metendo a cabeça na areia, não percebendo o que acontece e não tomando as medidas necessárias para que possamos nos colocar nesse novo cenário mundial, nós perdemos a parada. Se, pelo contrário, tivermos o vigor, a coragem e a competência de fazer as coisas, nós poderemos nos beneficiar como nunca.

Daqui a pouco, vou pedir, de novo, ao Ministro Dornelles que nos dê alguns dados. Vocês verão as transformações que já estão ocorrendo e o que significa isso em termos de Brasil.

Eu só queria, como Presidente, Governador, dizer o seguinte: a minha preocupação tem que ser uma preocupação com todo o País. Nunca fui pessoa de divisão nem sectária politicamente, nem regionalista. Não me formei dessa maneira. Formei-me olhando para o País. E digo mais: hoje, acho que tenho que ter uma preocupação que vai além do País, porque estamos integrados no Mercosul, temos compromissos de ordem universal. Então, temos que ter uma visão macro, realmente planetária – se não é um pouco de exagero o que estou dizendo.

Então, sempre me preocupei, também, com a distribuição dos investimentos no Brasil. É fundamental, para que o Brasil cresça equilibradamente, que não haja concentração. E estamos fazendo um grande esforço nesse sentido.

O programa do Ministro Kandir, nosso, do Governo, o Brasil em Ação, mostra isso. Nós já selecionamos 42 investimentos fundamentais, que não são apenas de indústria, infra-estrutura, agricultura, mas são também de educação, de saúde, de saneamento básico, porque é fundamental cuidar do capital humano, da melhoria das condições de vida. A distribuição desses investimentos mostra que existe, realmente, um projeto global.

Dá pena verificar tanta gente dizendo: "Nós precisamos ter um projeto nacional, estamos sem projeto nacional." O pior cego é o que não quer ver. Temos um projeto global nacional num país inserido no contexto internacional. Essa é que é a nossa visão. Está em marcha. Não é que nós vamos fazer: está em marcha.

Dentro desse projeto, certos setores industriais – que são os setores de ponta, que implicam tecnologia, agregam valor, têm mão-de-obra qualificada e se orientam também para a exportação – têm que ser priorizados. E me preocupava muito, e me preocupa muito, dinamizar Santa Catarina, como me preocupa dinamizar outros estados.

Acho que temos que fazer um grande esforço. Os senhores são testemunhas de que, na parte de infra-estrutura, estamos cumprindo

o que disse que faria, que é a BR-101, que é fundamental para que Santa Catarina, realmente, fique inserida no processo do Mercosul e do Brasil, não é?

Nós estamos dando alento aos empreendimentos de energia elétrica, porque também são fundamentais, como base da infra-estrutura, e à privatização dos portos. Quem não entender isso não está entendendo a necessidade de redução do custo Brasil, que é condição necessária para que haja progresso econômico e social. Nós temos que tomar medidas para reduzir o custo Brasil, porque vivemos numa economia competitiva. Se não tivermos condições de competir, vamos ficar para trás. Mas não vamos ficar para trás.

Então, hoje, esse fato de que vai haver um investimento importante da General Motors em Santa Catarina está dentro desse contexto, que só foi possibilitado porque o Brasil acordou e, especificamente, porque Santa Catarina está fazendo a sua parte, está dinamizando o que é necessário para que possamos, realmente, ter um futuro promissor.

Mas o que eu queria, ao cumprimentá-los e deixar que os demais digam que tipo de investimento vamos ter, é agradecer muito a presença de vocês aqui e felicitar o Estado, porque essas coisas só acontecem quando o Estado avança. Se o Estado não estivesse avançando, a General Motors não teria tido condições de fazer uma escolha adequada.

Nós, aqui, não vivemos mais o tempo em que o poder político vai lá e influencia. Isso é passado. O poder político pode fazer o que estamos fazendo: criar as condições de infra-estrutura, de competição, mas não é por vontade do Presidente que a General Motors vai para cá ou para lá. Eu me recusaria a tomar esse papel, porque não é próprio para mim. A decisão tem que ser técnica, tem que ser racional. Nós temos que ter a visão política de criar as condições para que possa haver, depois, uma decisão racional, que leve os investimentos para o Estado tal ou qual. Essa é a visão que temos da administração do Brasil.

Então, eu queria felicitá-los, porque vocês fazem parte, também, desse processo de viabilização de empreendimento de magnitude e vulto em Santa Catarina.

Também não quero deixar de dar uma palavrinha especialmente sobre Santa Catarina. É que não estamos apenas olhando para o grande e para o macro: estamos fazendo um grande esforço na questão da micro e pequena empresas, como vocês estão vendo pelas medidas tomadas aqui, na área de redução de impostos.

Estamos colocando adiante um programa extremamente difícil, o Pronaf, que diz respeito ao financiamento da pequena agricultura e da pesca – lembrou o Ministro com toda a razão. Quer dizer, também laboraram em erro gravíssimo os mesmos que achavam que não ia haver desenvolvimento, que íamos entrar numa recessão, que o controle era de molde a prejudicar o povo e tal. Enganaram-se redondamente e continuam se enganando ao pensarem que estamos cuidando apenas do grande investimento. Ao contrário, estamos tomando medidas que dizem respeito à modificação da estrutura produtiva também do pequeno e do médio, no campo e na cidade.

Nós temos, também, a convicção de que esse mundo, que se globalizou, não é o mundo dos grandes, não. O grande só existirá se houver uma miríade de pequenos e médios, capazes de dar sustentação à transformação, preparação de mão-de-obra e complementação de partes.

E os que sabem um pouquinho de história do desenvolvimento econômico sabem que houve uma época em que existia o chamado *putting-out system*, que significava, na fase da manufatura, quando se juntavam as partes e a produção era feita nas famílias, no século XVI e XVII mudando para o XVIII.

Nós, agora, estamos num novo tipo de *putting-out system*. A grande empresa subcontrata e, ao subcontratar, ela chega até, muitas vezes, ao nível quase familiar. É uma forma moderna de *putting-out system*. Então, quem não perceber isso, quem não percebeu que é preciso que se espalhem, na sociedade, os condutos que levem à modernização financeira, ao recurso para o pequeno, ao treinamento de mão-de-obra, à capacitação e integração, não entendeu o sentido dessa nova era que estamos começando a viver.

Estamos começando a viver uma nova era. Quem não entender isso perdeu a capacidade do sentimento da história. Quanta gente, quando houve a primeira fase do desenvolvimento industrial, no mundo, quebrava máquinas, porque achava que iam gerar desemprego. Alguns, agora, querem quebrar a máquina de outra maneira, de novo, porque acham que vai gerar desemprego. Não vai gerar desemprego. O que gera desemprego é a falta de dinamismo, é a falta de capacidade de reduzir o custo Brasil, é a falta de capacidade de tomar as medidas necessárias. Isso, sim, gera desemprego. Não é o fato de o Brasil ter de exportar.

Termino dizendo que todo esse esforço nosso, que vai constituir reforço para o mercado interno, não pode ser pensado, no mundo de hoje, como se se opusesse à exportação. Quem lê os grandes números sabe que a taxa de crescimento do mercado internacional é mais rápida que a taxa de crescimento dos mercados domésticos.

O país que quiser crescer, hoje, tem que, ao mesmo tempo, preparar a sua empresa para crescer, consumir aqui dentro e exportar. E o compromisso das montadoras para conosco é nessa dupla direção. Nós vamos aumentar o mercado interno e vamos aumentar a nossa exportação.

Numa primeira fase, é importação de fábricas, importação de máquinas, etc. Numa segunda fase, é o contrário: gera-se um fluxo de exportação. Claro que quem é micro, quem tem olho curto, só vê o momento, não vê o processo; e, então, imagina que vai, digamos, generalizar para todo o processo aquele momento. Aí é fácil fazer críticas superficiais, que vão, naturalmente, encher páginas de jornal, discurso de Congresso, etc. e etc., mas não vão encher o estômago do povo, não vão encher o espírito do povo, que é o que nos interessa.

Então, estamos trabalhando, no Brasil, com outra perspectiva, com outra visão, muito confiantes neste país e, portanto, muito confiantes em Santa Catarina.

Muito obrigado a vocês. Peço ao Ministro Dornelles que dê aqui o seu recadinho, porque acho que é bom os brasileiros saberem o que

está acontecendo. Pediria à General Motors que, depois, explicasse e ao Governador que encerrasse. Vamos inverter, aqui, a ordem, não é?

[Segue-se exposição do Ministro Francisco Dornelles]

Antes de pedir que o Dr. Beer fale pela General Motors, que foi escolhido para falar, eu só queria complementar uma informação que o Ministro Dornelles me deu, há pouco, e não repetiu aqui, que é a seguinte: por volta do fim do ano 2000, o Brasil deve ser o quarto maior mercado consumidor de veículos do mundo e o quinto maior produtor de veículos do mundo. Isso é um dado direto, significativo, porque mostra, realmente, as transformações pelas quais estamos passando. E haveremos de vê-las de maneira muito afirmativa. Bom, isso é verdade, porque estamos aqui prenunciando-o.

[Segue-se exposição do Dr. Beer]

Antes de pedir que o Governador encerre este nosso encontro, queria dizer que é com muita satisfação que se vê essa capacidade que tem o Brasil, hoje, de espraiar o desenvolvimento.

Quando assumi o Governo, a produção automobilística se concentrava em dois Estados: São Paulo e Minas Gerais. Hoje, temos São Paulo, aumentando, Minas Gerais, aumentando, o Rio de Janeiro, que se incorporou ao sistema produtivo, o Paraná, Santa Catarina, o Rio Grande do Sul; e, dentro em breve, quero ter também, no Nordeste, algum tipo de investimento.

Quer dizer, é uma multiplicação em dois anos. Não é virtude do Presidente isso, não; é do País, porque ninguém faz isso sozinho: está sendo feito por esse enorme impulso de transformação no Brasil, que gerará – e já está gerando – uma distribuição da renda e do progresso, de modo geral. Quer dizer, já temos, hoje, praticamente sete estados, em vez de dois, na produção automobilística.

Pólos petroquímicos: nestes dois anos, duplicamos o número de pólos petroquímicos no Brasil. Levamos 40 anos para fazer três. Em

dois anos, fizemos mais três. Estamos fazendo um no Rio Grande do Sul, outro em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Antes, tínhamos só na Bahia, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Nós aumentamos mais um no Rio Grande do Sul, acrescentamos um em São Paulo e abrimos um no Rio de Janeiro. São dados muito concretos das transformações que estão ocorrendo no Brasil.

De modo que Santa Catarina tem que se integrar, crescentemente, nesse fluxo de transformação. O Senhor Governador tem a palavra.

[Segue-se exposição do Governador de Santa Catarina]

Antes de encerrar, faço uma correção: esqueci de Goiás, que vai ter também uma parte da indústria automobilística. Portanto, são oito estados.

Muito obrigado a vocês todos.